

A imagem do cientista no imaginário contemporâneo: o caso do Instituto Royal

Monica Martinez¹

Resumo

Este trabalho aborda a imagem do cientista contemporâneo. Seu objeto é a cobertura do dia 20/10/2013 do programa Fantástico, da Rede Globo, sobre o protesto de defensores dos direitos dos animais contra o Instituto Royal, cuja invasão, realizada em 18/10/13, culminou com o fechamento, 19 dias depois, da unidade localizada em São Roque (SP). Entre os resultados, destaca-se a visão midiática fluida e maniqueísta da imagem do cientista, ora visto como um salvador, ora como um monstro.

Palavras-chave: Comunicação; Cientistas; Imagem; Narrativas Midiáticas.

Resumen

En este trabajo se analiza la imagen del científico contemporáneo. Su objeto es la cobertura del día 20.10.2013 programa Fantástico, Rede Globo, sobre la protesta de los defensores de derechos de los animales contra el Instituto Royal, cuya invasión, celebrada el 18/10/13, culminó con el cierre, 19 días más tarde, la planta ubicada en San Roque (SP). Entre los resultados, no es la imagen de líquidos y maniquera ver materiales Científico, a veces visto como un salvador, o como un monstruo.

Palabras clave: Comunicación; Los científicos; Image; Medios narraciones.

Abstract

This paper aims to discuss scientist contemporary image. In order to do so, it analyzes 10/20/2013 Fantástico (Rede Globo) report on the protest against Royal Institute, a privately held pharmaceutical research company, and animal rights activists. Royal Institute invasion by the activists, held on 10/18/13, led to the debate on tests using animals and culminated, 19 days later, in the closing of the institute unity in São Roque (SP).

Keywords: Communication; Scientists; Image; Media Narratives.

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (2002). Realizou pós-doutorado em Narrativas Digitais pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (2009) e estágio de pesquisa junto ao departamento de Rádio, Televisão e Cinema da Universidade do Texas (2013). Tem mestrado em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (1994) e graduação em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (1987). Atualmente é docente do Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso). É autora de “Professor de Ilusões” (Prumo, 2012), “Tive uma Ideia -- O que é criatividade e como desenvolvê-la” (Paulinas, 2011) e “Jornada do Herói: estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo” (Annablume/Fapesp, 2008), entre outros livros e artigos científicos. É cocriadora do Núcleo Granja Viana (SP) da Joseph Campbell Foundation®. É sócia da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação), conselheira administrativa da SBPjor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo), do Cisc (Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia) e, no exterior, da IAMCR (International Association for Media and Communication Research) e ICA (International Communication Association).

1. Breves reflexões sobre as origens do pensamento científico

Certamente muitas civilizações produziram conhecimento anteriormente, mas foram os gregos que produziram “um corpo lógico e sistemático de conhecimentos racionais (...).” (CHAUÍ, 2002, p. 24). Tales de Mileto (624 a.C. - 546 a.C.) teria sido o primeiro a tratar de forma sistemática a questão da origem, transformação e conservação do mundo (CHAUÍ, 2002). Até hoje, a ciência, em sua concepção ocidental, empírica, é influenciada pelo pensamento de Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.), que formava o vocabulário comum e o quadro conceitual da maioria das universidades até o século XVI (GARBER, 2006, p. 26). Aristóteles propõe que a *epistême* (ciência) investiga os princípios e as causas de seres e coisas da natureza – que existem independentemente do ser humano – por meio do *métodos*, isto é, um procedimento pré-determinado (CHAUÍ, 2002, p. 347).

Muito se tem debatido sobre ciência desde então, mas a questão do método, isto é, do caminho reconhecido pelos pares, permanece como um ponto central do pensamento científico, mesmo em autores contemporâneos como o filósofo francês Edgar Morin. “Hoje a nossa necessidade é a de encontrar um método capaz de detectar, e não de ocultar, as ligações, as articulações, as solidariedades, as implicações, as imbricações, as interdependências e as complexidades.” (MORIN, 1997, p. 19).

Considera-se como marco histórico da ciência o final da Idade Média e o Renascimento, com personalidades como os físicos e matemáticos italiano Galileu Galilei (1564-1642), francês René Descartes (1596-1650) ou inglês Isaac Newton (1643-1727). Não por acaso, esta fase da história que compreende os séculos XVI e XVII ficou conhecida como Revolução Científica. Ainda assim, naquele momento, a imagem do cientista estava mais próxima do homem renascentista a Leonardo da Vinci (1452-1519), tão conhecido por ter suas muitas habilidades que é difícil identificá-lo apenas por uma delas.

O fato é que a própria palavra *cientista* não existia antes do século XIX e o termo francês equivalente, *scientifique*, só se tornou comum um século depois, de acordo com o historiador da ciência estadunidense Shapin (2006), atual docente da cadeira de História da Ciência de Harvard (SHAPIN, 2006, p. 179). Um dos primeiros usos do termo cientista no idioma inglês, já no sentido moderno que atribuímos à palavra, foi feito em 1834 numa resenha escrita por William Whewell sobre a obra *On the Connection of the Physical Sciences*, de Mary Sommerville, publicada na *Quarterly Review*. Sua definição descreve, aliás de forma irônica, cientista como “um nome pelo qual podemos designar os alunos de conhecimento do mundo material coletivamente ... um termo geral pelo qual estes senhores [da Associação Britânica para o Avanço da Ciência] poderiam descrever-se com referência a suas atividades “(WHALEY, 2003, p. 8).² Prática associada, naturalmente, às elites letradas, que dispunham de tempo, recursos financeiros, acesso a livros e bibliotecas, instrumentos e, evidentemente, redes de comunicação com outros cientistas.

² Do original: “One of the first published uses of the term ‘scientist’ in the English language in the modern, limited sense was in William Whewell’s 1834 review of the Mary Sommerville’s ‘On the Connection of the Physical Sciences’, in the *Quarterly Review*. His definition describes ‘scientist’ as “a name by which we can designate the students of knowledge of the material world collectively... a general term by which these gentlemen [of the British Association for the Advancement of Science] could describe themselves with reference to their pursuits” (WHALEY, 2003: viii).

Como já se tratava de uma minoria *per se*, não havia, na prática científica, a presença expressiva de mulheres, até porque, desde suas origens no século XII na Europa, incluindo momentos culturais como o Iluminismo, no século XVIII, as universidades – que promoviam treinamento formal em teologia, medicina e direito – eram vedadas ao gênero feminino, proibido de exercer estas profissões. No Brasil, aliás, esta situação ocorria até o Segundo Império. A primeira médica brasileira teve que estudar fora do país porque as universidades locais não admitiam mulheres (GOMES, 2013). Na questão de gênero, portanto, a imagem do cientista até recentemente era majoritariamente masculina.

2. Metodologia

A primeira fase deste trabalho mapeia a percepção dos cientistas pela área da Comunicação brasileira. Em janeiro de 2014 foi feito levantamento dos trabalhos no Portcom³ – *Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação* – que disponibiliza a produção científica dos 37 anos do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado pela Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). A busca pela palavra-chave ‘cientistas’ e/ou ‘cientista’ revela nove registros entre os 18 235 trabalhos apresentados em eventos. Deste total, excluindo-se um trabalho apresentado ao Intercom Júnior, destinado a estudantes de graduação e recém-graduados, o corpus desta análise de conteúdo temática (BARDIN, 2011) é de oito trabalhos. Esta pesquisa exploratória propiciou oito reflexões sobre a temática: 1) predomínio da visão positivista; 2) imagem idealizada; 3), a questão de gênero; 4) a ciência como missão; 5) universal e objetiva; 6) compartilhamento como função social e não mercadológica; 7) ciência se faz por amor; 8) ceticismo como força motriz; e, finalmente, 8) diálogo com a imprensa.

A segunda etapa deste trabalho analisa a partir destes oito eixos temáticos a reportagem levada ao ar no dia 20 de outubro pelo programa *Fantástico*, da Rede Globo, com a cobertura da invasão por ativistas no Instituto Royal, em São Roque (SP), que suscitou debates sobre o uso de animais em todo o país e culminou, 19 dias depois, em 6/11/2013, com o fechamento da entidade (apenas a unidade Genotox, em Porto Alegre (RS), segue operando).

3. Encastelados em torres de marfim

A investigação feita em janeiro de 2014 no Portcom⁴ resultou em oito artigos que, de maneira geral, apontam um cientista encastelado em sua torre do saber, com dificuldade de se comunicar em linguagem de fácil compreensão e que faça sentido aos demais cidadãos. Seguem as considerações feitas a partir da análise temática:

³ [<http://www.portcom.intercom.org.br/>]

⁴ [<http://www.portcom.intercom.org.br/>]

3.1. Predomínio da visão positivista

⁵ Ver < <http://migre.me/hulDr>>

Idealizado pelo filósofo francês Augusto Comte (1798-1857) na primeira metade do século XIX, a abordagem científica do positivismo ainda se expressa na mentalidade científica do século XXI, com sua crença de que o bem-estar da humanidade depende dos avanços científicos.

O artigo V, por exemplo, explicita a questão, que se aplica a ambos os sexos. “O estereótipo de ciência a serviço da dominação de uma natureza que se presta a ser dominada e revela-se ao sábio, ainda está presente, subliminarmente, nos discursos de muitos dos que fazem ciência, seja homem ou mulher.” (CRUZ, 2007, p. 19).

3.2. Imagem idealizada

O artigo I (ANDRADE, 2005) analisa a campanha televisiva produzida com o intuito de valorizar os cientistas: a *Ciência Vale a Pena*, produzida pela Rede Globo de Televisão em parceria com o *Instituto Ciência Hoje* e apoio do Ministério da Ciência e Tecnologia. “(...) de outubro a dezembro de 2004, os oito filmes publicitários que constituíram a campanha foram exibidos 31.417 vezes, nos intervalos da programação das 115 emissoras da Rede Globo (...)” (ANDRADE, 2005, p. 4). Os oito filmes de 30’ cada, disponíveis no *YouTube*⁵, permitem constatar a visão em mosaico visualizada pelo projeto sobre o perfil dos cientistas. Três deles abordam perfis. No primeiro, dois jovens arqueólogos (identificados como S. Prista e A. Miranda) encontram-se em trabalho de campo. Ao diálogo segue-se a fala do narrador: “Ciência é trabalho duro e persistente”:

S. Prista: (...) quando você começou te falaram que vida de pesquisador era esta moleza toda?

A. Miranda (sorrindo): Tudo pela ciência, rapaz, tudo pela ciência.

No terceiro filme, imagens de uma jovem na infância, adolescência e como cientista da área biológica, que segundo o artigo V (CRUZ, 2009) é a que congrega o maior número de pesquisadoras. Ao final, a fala do narrador, “Ciência é profissão. Ciência vale a pena”.

No oitavo filme, mostra-se o primeiro astronauta brasileiro, tenente-coronel da Força Aérea Brasileira (FAB) Marcos Pontes. Em 2006, ele participou da Missão *Centenário*, que celebrava os cem anos do voo de Santos Dumont (1873-932) no avião 14 Bis. O diálogo:

Narrador: Até onde um menino simples, nascido e criado no interior, pode chegar na vida?

Pontes: Até o espaço.

Entra a voz do narrador, sobre duas fotos de Pontes, vestido com macacão azul e com o traje espacial: “Ciência é integração social. Ciência vale a pena.”

Nestes três filmes fica evidente a preocupação em associar a imagem do cientista com a vida real, dura mas prazerosa, sendo uma possibilidade profissional inclusive para mulheres e classes menos favorecidas financeiramente.

3.3. A questão do gênero

Dois artigos (V e VII) se dedicam à questão de gênero, revelando a ascensão do feminino na esfera da pesquisa. A inserção da mulher no mercado de trabalho, notadamente a partir dos anos 1960, reflete-se no maior número de cientistas. Dentre os oito filmes, três da campanha publicitária *Ciência Vale a Pena* trazem figuras femininas (CRUZ, 2007). No caso específico da Comunicação, esta cifra pode ser até maior. Em pesquisa feita em 1996 sobre o perfil dos participantes do Grupo de Trabalho Comunicação e Etnia da Intercom, 75% dos participantes eram do sexo feminino (ROCHA, 1996, p. 13).

3.4. A ciência como missão

Universalidade, compartilhamento, desapego material e ceticismo sistemático – a ética referendada nos anos 1950 pelo sociólogo estadunidense Robert K. Merton ainda reflete a mentalidade científica brasileira contemporânea de acordo com pesquisa feita com 33 pesquisadores (71,7%) do Centro de Pesquisa Agropecuária do Meio-Norte entre janeiro a fevereiro de 2002 (TARGINO; CORREIA; CARVALHO, 2002). O estudo revela as seguintes percepções:

3.4.1 Universal e objetiva

Objetiva, impessoal e, à semelhança da lei da gravidade, válida em qualquer lugar. No pressuposto de Merton (artigo VIII), a aceitação ou rejeição do trabalho pela comunidade científica “independe dos atributos individuais ou sociais do autor, de tal forma que raça, nacionalidade, religião, estratificação social, titulação, renome etc. são irrelevantes.” (TARGINO, CORREIA; CARVALHO, 2002, p. 3). O resultado da pesquisa, contudo, mostra que o cientista tem uma relação de amor e dúvida em relação a esta suposta universalidade absoluta: “(63,6%) dos sujeitos concorda que não há fonte privilegiada do saber científico, e, dentre os que não estão de acordo (36,4%), é possível que mais pesquisadores reiterem a fala de quem, mesmo discordando, acrescenta: *“a maneira como a questão está posta é a ideal, mas, na realidade, isto não ocorre perfeitamente.”* (TARGINO, CORREIA; CARVALHO, 2002, p. 9). Há um embate concreto entre os pressupostos racionais e os emocionais (D’AMBROSIO, 1997).

3.4.2 Compartilhamento como função social e não mercadológica

Segundo o artigo IV, impera a concepção de que o conhecimento não pertence ao cientista, mas à humanidade: por ser um “produto de colaboração social e como tal devem ser partilhados com todos, sem privilegiar segmentos ou pessoas” (TARGINO; CORREIA; CARVALHO, 2002, p. 4). Daí a importância de tornar público o trabalho, “a única maneira pela qual um cientista pode requerer para si a autoria de descobertas e o reconhecimento dentre os pares” (TARGINO; CORREIA; CARVALHO, 2002, p. 4). Tanto que 54,6% dos respondentes do estudo VIII endossam esta visão. O cientista se veria como um colaborador social.

3.4.3. Ciência se faz por amor

De acordo com Merton, eixo teórico do artigo VIII, o “amor à ciência e o desejo de contribuir com o progresso científico devem estar acima de interesses pessoais, em que o reconhecimento profissional via prêmios, ganhos materiais, prestígio, cargos ou poder constitui a meta principal” (TARGINO; CORREIA; CARVALHO, 2002, p. 5). Os respondentes deste estudo assinam embaixo: “O total de 72,7% dos pesquisadores da EMBRAPA Meio-Norte concordam com a premissa – **a ciência é praticada como um fim em si própria** –, enquanto um índice ainda maior (94,0%) admite que é aéctico executar investigações científicas exclusivamente por dinheiro ou posição social, o que pode ser assim sintetizado: o amor à ciência ainda basta...” (TARGINO; CORREIA; CARVALHO, 2002, p. 14).

3.4.4. Ceticismo como força motriz

Um cientista seria alguém em vigília constante, atento aos deslizes próprios e alheios. De acordo com o artigo VIII, “parte-se do pressuposto que examina sempre com ceticismo os resultados apresentados, divulgando com rapidez suas dúvidas em relação aos novos conhecimentos” (TARGINO; CORREIA; CARVALHO, 2002, p. 5-6). Esta premissa parece fazer parte da autoimagem dos cientistas: “As assertivas – os cientistas não aceitam nada de boa fé; o ceticismo sistemático e a desconfiança, mesmo diante dos próprios resultados, estabelecem disciplina intelectual rígida e altos padrões críticos para os cientistas – conquistam altos índices, quais sejam, 75,8% e 87,9%” (TARGINO; CORREIA; CARVALHO, 2002, p. 15).

O estudo enfatiza a consciência profissional do pesquisador e seu interesse genuíno em colaborar com a ciência, embora reconheça a fortaleza representada pelos paradigmas (KUHN, 2003), uma vez que 51,5% dos respondentes “não crê que trabalhos científicos que contrariam os paradigmas

vigentes têm a mesma chance de aceitação em confronto com os que reforçam as tendências em voga” (TARGINO; CORREIA; CARVALHO, 2002, p. 18).

3.5. Diálogos com a imprensa e a sociedade

Segundo quatro dos oito artigos (II, III, IV e VI), o diálogo com a imprensa não é promissor. Na grande mídia, a cobertura de ciência e tecnologia estaria restrita a notícias pontuais, o que também é observado em veículos especializados, como revistas e cadernos dos jornais. O artigo VI alerta: “A televisão aberta, principal veículo condutor de conteúdos culturais, em um país ainda marcado pelos reduzidos níveis de escolaridade, não contribui como deveria para o processo de *alfabetização científica*, exibindo programas sobre o tema em horários de baixa audiência” (REIMÃO; DAL PIAL, 2012, p. 3).

O artigo III – estudo feito com jornalistas que cobriam ciência em Pernambuco e cientistas da Universidade Federal de Pernambuco – revelou que, para os primeiros, “a comunidade científica costuma se encastelar numa ‘torre de marfim’” (CAVALCANTI, 1995, p. 8). Já são três as queixas principais dos cientistas. A primeira é à veracidade da informação. Oito dos dez cientistas entrevistados disseram ter tido dados interpretados erroneamente ou atribuídos a eles sem que houvessem sido ditos. A segunda é à falta de formação do jornalista na área científica (CAVALCANTI, 1995, p. 10). A terceira refere-se aos pedidos, na maior parte dos casos não atendidos, de ver a matéria antes da publicação – o que é visto como um cerceamento da liberdade de expressão por parte do jornalista.

A comunicação seria o principal entrave entre jornalistas e cientistas: “falamos linguagens diferentes para públicos diferentes” (CAVALCANTI, 1995, p. 9). A mesma conclusão é observada no artigo II: “a cultura científica e a cultura jornalística são diferentes em termos de objetivos e de linguagem, entre outros aspectos” (BERTOL, 2007, p. 13). Haveria, do ponto de vista da comunidade científica, a dificuldade para se expressar de uma forma compreensível para todas as camadas da população. Segundo um dos cientistas entrevistados, “temos o vício terrível de ter uma linguagem muito hermética, muito preocupada com a definição de conceitos precisos” (BERTOL, 2007, p. 13).

O artigo IV corrobora o temor dos cientistas em relação à mídia. “O cientista teme que sua pesquisa seja mal interpretada pelos seus pares e pela sociedade, pois possíveis erros poderiam colocar sua credibilidade como cientista em jogo: sendo ela seu maior bem (...)” (CARVALHO; NERING; PASSOS, 2009, p. 4). O objeto deste estudo é o programa *Toque de Ciência*, que consiste em programetes audiofônicos de um minuto e meio abrigados em um portal permanente (www.ciencia.inf.br), com uso gratuito para rádios interessadas.

Finalmente, o artigo VI sugere que as redes sociais abririam a oportunidade de diálogo direto entre cientistas e população. “Diante de tal problemática, pesquisadores têm sido estimulados a abandonar o confinamento de seus laboratórios para se comunicar diretamente com a sociedade. O movimento de abertura vem ganhando adesão crescente na nova era digital” (REIMÃO; DAL PIAN, 2012, p. 2). O tradicional mercado de livros seria outra possibilidade,

com casos de êxito como “o físico Marcelo Gleiser e a neurocientista Suzana Herculano-Houzel, colunistas do jornal *Folha de S. Paulo*; e o biólogo Fernando Reinach, colunista do jornal *O Estado de S. Paulo*” (REIMÃO; DAL PIAN, 2012, p. 2). Segundo o artigo VI, todos eles “escrevem com uma periodicidade específica e lançaram pelo menos um livro com uma seleção de textos publicados em suas colunas” (REIMÃO; DAL PIAN, 2012, p. 2).

⁶ Levantamento feito a partir da informação de programação disponibilizada pela rede em seus sites, respectivamente no da Rede Globo (<http://redeglobo.globo.com/programacao.html>) e no de sua afiliada da região, a TV TEM (<http://redeglobo.globo.com/sp/tvtem/programacao.html>).

4. A reportagem sobre o Instituto Royal no Fantástico

O embate entre ativistas dos direitos dos animais e o Instituto Royal, empresa privada de pesquisa farmacêutica, teve ampla cobertura midiática. O protesto, que já se arrastava desde o dia 12/10/13, teve como ápice a invasão da unidade localizada em São Roque (SP) em 18/10/13 e culminou com o fechamento, 19 dias depois, da unidade paulista. O departamento de Jornalismo da Rede Globo noticiou o fato em praticamente todos os seus telejornais, sobretudo no estado de São Paulo, que são:

Tabela 1: Telejornais da Rede Globo (2013)

Horário do Telejornal	Horário	Horário de Veiculação
Matutinos	- Bom dia São Paulo Edição paulista	6h15/6h32 (capital)
	- Bom dia Cidade Edição para o interior paulista, como o da região de Sorocaba e Jundiaí (a afiliada da Globo é a TV TEM)	7h10
	- Bom dia Brasil Edição nacional	7h30
Vespertinos	Tem Notícias - 1ª edição Edição com notícias regionais	12h
	SP TV - 1ª Edição Edição paulista	12h
	Jornal Hoje Edição nacional	13h20
	Globo Notícia Boletim com informações do Brasil e do mundo	17h55
Noturnos	Tem Notícias - 2ª edição Edição com notícias regionais	19h15
	SP TV - 2ª Edição Edição paulista	19h15
	Jornal Nacional Edição nacional	20h35
	Jornal da Globo Edição nacional	23h53
Semanal	Fantástico Edição nacional	21h

Fonte: MARTINEZ, 2013.⁶

O programa *Fantástico* foi o escolhido para esta análise por três fatores:

O primeiro é o fato de ser um programa exibido em horário nobre e com grande audiência para o padrão pulverizado da mídia atual: 19 pontos em outubro de 2013 segundo o IBOPE/ Média Workstation. Cada ponto representa 62 mil domicílios na Grande São Paulo.

O segundo é o fato de o programa, desde seu lançamento em 1973 – portanto, há mais de quatro décadas – ter tradição na cobertura de ciência e tecnologia. “Além de frequentes, temas de C&T receberam destaque no dominical da TV Globo: um percentual relevante de matérias foi objeto de chamadas de abertura” (MEDEIROS; RAMALHO; CALDAS; MASSARANI, 2013, p. 138).

O terceiro é a constatação de que esta revista dominical traz cobertura mais ampla do que os telejornais diários dos eventos entendidos por seus editores como os mais importantes da semana. “As matérias de Ciência veiculadas no *Fantástico*, por conta do próprio perfil do programa, foram em média mais longas do que a média observada em programas noticiosos por diversos estudos” (MEDEIROS; RAMALHO; CALDAS; MASSARANI, 2013, p. 139).

A partir desta escolha, procedemos à análise a partir das categorias temáticas identificadas como relevantes nos artigos publicados por cientistas da área de Comunicação na fase I da pesquisa, que consiste nas seguintes oito esferas: 1) predomínio da visão positivista; 2) imagem idealizada; 3), a questão de gênero; 4) a ciência como missão; 5) universal e objetiva; 6) compartilhamento como função social e não mercadológica; 7) ciência se faz por amor; 8) ceticismo como força motriz; e, finalmente, 8) diálogo com a imprensa.

Para fins de descrição, a reportagem, com duração de 8’24”, é conduzida pelos apresentadores do *Fantástico*, Renata Vasconcellos e Tadeu Schmidt. A cobertura principia estabelecendo a relação entre a cidade e São Roque (1295-1327), o santo da Igreja Católica, que, contaminado pela lepra, teria se isolado numa floresta e perecido se, segundo a lenda, um cão **não lhe tivesse levado diariamente um pãozinho**. Seguem-se as imagens da invasão, realizada ao redor da 1h da sexta-feira, 18/10/2013. Mesclam-se, aqui, imagens de chão de laboratório cheio de fezes, cãozinhos da raça Beagle e jovens ativistas, apresentados neste momento como os salvadores dos 178 animais. Seguem-se imagens da suíte dos protestos, no sábado, dia 19 de outubro, que terminou com lançamento de gás pelos policiais, que tiveram veículos incendiados. Além de depoimentos de ativistas, advogados e indivíduos que “adotaram” os cães, a reportagem traz entrevistas feitas com três cientistas: a gerente da unidade, Silvia Ortiz⁶, o diretor científico da unidade, João Antônio Henriques, e Marcelo Moraes⁷, biofísico do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordenador do CONCEA (Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal), **órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia** responsável pelo credenciamento das pesquisas com animais no país. A reportagem é encerrada com o alerta jurídico de que a receptação de

⁶ Neste trabalho, suas falas foram identificadas como cientista 1 ou C1.

⁷ Neste trabalho, suas falas foram identificadas como cientista 2 ou C2.

animais roubados é considerada crime e com a notícia de que os dois primeiros cachorros, abandonados na rua, haviam sido recuperados pela polícia.

4.1. Predomínio da visão positivista

Embora apresente diversas faces da questão, a reportagem é claramente dicotômica, **uma vez que apresenta os ativistas agindo pela emoção – apoiados por imagens que evocam juventude, invasões, sujeira, correria** e o salvamento de belos animais em situação de risco. Já os cientistas são representados pela postura serena, pelo discurso lógico e articulado, que explica os porquês, como a sujeira e a necessidade do uso dos animais para a liberação dos medicamentos que beneficiam toda a população. Como diz o biólogo britânico Rupert Sheldrake, o conhecimento científico – mentalidade que apoia a ação humana sobre a natureza – está justificado no pensamento ocidental a partir da interpretação do **Gênesis bíblico**, quando Adão recebe de Deus a incumbência de nomear os animais. Segundo ele, como na época do filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626), quando o Estado e a Igreja eram unidos na figura do Rei da Inglaterra, hoje “**não há nenhuma separação da ciência e do Estado. Os cientistas desempenham** o papel de sacerdotes, influenciando as políticas do governo, as artes da guerra, indústria, agricultura, medicina, educação e pesquisa⁸” (SHELDRAKE, 2012: 13). É o que ocorre na reportagem, com a anuência discursiva entre os cientistas e o representante do governo (Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal).

4.2. Imagem idealizada

O cientista, aqui, é visto como aquele que trabalha num laboratório aséptico, donde as imagens de computadores quebrados e chão cheio de fezes parecem uma heresia, uma invasão a um templo sagrado, o da ciência. As imagens dos três cientistas, bem vestidos, em *tailleur* (mulher) e terno e gravata (homens) – como se paramentados para um ritual importante – contrastam-se à dos ativistas, com roupas casuais. Somado ao discurso lógico, eles são representados como parte de uma elite, enquanto os ativistas apresentam falas ou ligadas à emoção do conflito ou à empatia com os animais. Há uma leitura dicotômica, contudo. Aos olhos do ativista, o cientista assume o papel de monstro, isto é, do Mr. Hyde no clássico do escritor escocês Robert Louis Stevenson (STEVENSON, 1998) ou da sombra na terminologia junguiana (JUNG, 2012, § 409). Um dos cientistas (C1) se defende deste estereótipo ao afirmar: “**nós não somos como as pessoas estão dizendo, matadores de cães, matadores de animais. Nós não somos estes monstros**” (FANTÁSTICO, 2014). Já a reportagem os apresenta como o correto Dr. Jeckyll, empenhado no avanço científico.

⁸ Do original, livremente traduzido pela autora: “There is no separation of science and state. Scientists play the role of an established priesthood, influencing government policies, on the arts of warfare, industry, agriculture, medicine, education, and research.” (SHELDRAKE, 2012: 13).

4.3. A questão do gênero

Embora a revisão de literatura apresente a ascensão do feminino no universo científico, a proporção de cientistas na reportagem do *Fantástico é de uma mulher para dois homens (1:2)*. **Ressalta-se que entre o cientista do gênero masculino e do gênero feminino do Instituto Royal entrevistados, a mulher tem posição hierárquica inferior (gerente vs. diretor), o que é representativo do fenômeno contemporâneo conhecido como *teto de vidro*: há mais mulheres no mercado, porém os cargos mais altos e melhor remunerados ainda são ocupados com mais frequência por lideranças masculinas.**

4.4. A ciência como missão

A imagem do cientista, a partir do programa, é a de um profissional que está consciente de seu papel social de trabalhar por uma vida melhor e mais longa para a humanidade. Esta mentalidade está sintetizada na fala do cientista 1: “a população tem de entender que o que fazemos ali é em benefício da **própria população**” (FANTÁSTICO, 2014). O cientista prossegue, apresentando de forma concreta o benefício: “Quando uma pessoa sente uma dor de cabeça ela vai à farmácia e toma, compra um remédio. Agora como esse remédio chegou até a prateleira?” (FANTÁSTICO, 2014).

4.4.1. Universal e objetiva

A concepção de **ciência regida por princípios universais é encontrada na fala do cientista 2**: “O Beagle é utilizado como padrão internacional. E ele tem uma similaridade muito grande com o funcionamento do organismo humano” (FANTÁSTICO, 2014). Como explica o sociólogo francês contemporâneo Latour (2012, p. 19), “poucos cientistas sociais chegam à conclusão extrema de que tanto o objeto quanto a metodologia das ciências sociais devam, em consequência, ser modificados. Após inúmeras decepções, eles ainda esperam alcançar algum dia a terra prometida de uma ciência verdadeira que explique um mundo social real”. Embora aplicada à ciência social, a afirmação pode ser aplicada, por analogia, para o campo científico como um todo.

4.4.2. Compartilhamento como função social e não mercadológica

Talvez resida aqui, de fato, a grande polêmica que envolve o conflito entre ativistas e pesquisadores, embora seja subliminar e não expressa na reportagem. O fato de se tratar de experimentos feitos por e para companhias

privadas, que lucrarão com a venda de produtos, no caso medicamentos. Este questionamento é representado em filmes como *Jardineiro Fiel*, de 2005, entre outros, e evocam uma tensão entre o ideal de pesquisa presente no imaginário popular e a demanda concreta por financiamento que é presente na prática científica. De toda forma, posteriormente à exibição desta reportagem, instituições públicas que não estão diretamente ligadas ao comércio dos resultados, como o Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde trabalha o cientista 2, também foram alvo de ameaças de ativistas devido ao uso de cobaias.

4.4.3. Ciência se faz por amor

Como extensão do sub-item anterior, há a noção subjacente de ser antiético realizar investigações científicas exclusivamente por dinheiro ou posição social, sobretudo se elas envolverem sofrimento a outras espécies, no caso os Beagles. Contudo, na reportagem, as falas relativas à empatia **não estão associadas aos cientistas, mas aos ativistas, que agem, ainda que de forma impulsiva, motivados pelo amor pelo que é considerado o melhor amigo do ser humano**. A tensão faz dos ativistas – atores neste jogo social – parte integrante da engrenagem científica. Como exemplo, animais não são mais usados em testes para o desenvolvimento de produtos na indústria cosmética.

4.4.4. Ceticismo como força motriz

A dúvida dos resultados próprios e alheios não pode ser inferida da reportagem do *Fantástico*. Antes, os cientistas são representados como convictos de sua missão e cientes de que fazem todo o possível para ajudar a humanidade, neste caso no segmento da saúde e bem-estar. Porém, entendem – e talvez até desejam pessoalmente – que métodos como o uso de cobaias possa vir a ser alterado no futuro. Isso fica caracterizado na fala do cientista 2: “Todos os medicamentos que temos nas prateleiras foram testados em animais. (...) Substituir o cão, quem sabe no futuro a gente consiga não mais utilizar. Mas, a gente está muito longe disso” (FANTÁSTICO, 2014).

4.5. Diálogo com a imprensa e a sociedade

Apesar de os cientistas se apresentarem seguros, é evidente que tanto eles como os ativistas estão apreensivos durante a realização das entrevistas. O cientista 1, por exemplo, em dado momento, literalmente gagueja (“(...) é para o benefício da própria po-população (...)”) (FANTÁSTICO, 2014). O interessante é que a palavra gaguejada, em particular, representaria, do ponto de vista psicológico, um ato falho que poderia revelar o questionamento profundo, inconsciente ou não, do próprio cientista. Afinal,

quem é o principal beneficiário destes testes? As empresas farmacêuticas? O instituto privado de pesquisa? Os pesquisadores, que recebem salários ao final do mês, em contraponto à premissa de que o cientista não deve estar preocupado com o interesse pessoal, mas o humanitário? No entanto, as referências ao problema de comunicação com a sociedade não é evidenciado nesta reportagem. Ao contrário: os cientistas se comunicam muito bem, em linguagem de fácil compreensão.

5. Considerações finais

A análise da reportagem levada ao ar no domingo 20/10/2013 pelo programa *Fantástico*, da Rede Globo, endossa a representação midiática estereotipada da imagem dos cientistas contemporâneos. Os cientistas – parte de uma elite social – são lógicos, articulados e ordenam de forma sistemática e precisa a confusão desencadeada de forma emocional por outros grupos sociais, como ativistas dos direitos animais. Em nenhum momento, ela espelha a realidade plural e multifacetada do cientista, imerso num mar de incertezas e questionamentos pessoais, profissionais, sociais, éticos e humanitários (MORIN, 1996).

Nas imagens levadas ao ar, os cientistas estão convictos de seu papel, que desempenham em prol da população. Não há dúvidas, fraquezas ou sombras em sua personalidade. Antes, são mostrados como a imagem da segurança, da confiança, da certeza, numa postura evidentemente heróica (CAMPBELL, 1990).

Tal imagem transcende a plenitude de um ser criado à imagem e semelhança de uma divindade, mas é a representação da divindade em si, onisciente, onipresente e, mais recentemente do ponto de vista histórico, *online*, cômico de quem é e de sua missão no mundo. Restaria aos demais mortais patinar de forma emotiva nas águas turvas da dúvida, da ansiedade e da incerteza. Neste retrato imaginário feito pela mídia, não por acaso, reside a dúvida sombria de que estariam, como o personagem Victor Frankenstein idealizado pela escritora estadunidense Mary Shelley (SHELLEY, 1997), construindo monstros em seus laboratórios. Ou, no caso, o que parece ser pior: matando belos cachorrinhos.

Referências

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athena, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edição revista e atualizada. Lisboa: Edições 70, 2011.

CAMPBELL, J.; FLOWERS, B. S.; MOYERS, B. **O poder do mito**. São

Paulo: Palas Athena, 1990.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Introdução à história da filosofia:** dos pré-socráticos a Aristóteles. 2. ed., rev. ampl. atual. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GARBER, Daniel. *Physics and Foundations*. In: PORTER, R.; PARK, K.; DASTON, L. (ed.). **The Cambridge History of Science:** Early Modern Science. v. 3. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2006.

GOMES, Laurentino. **1889:** Como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique:** a dinâmica do inconsciente. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

LATOURETTE, Bruno. **Ciência em Ação:** como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____. **Reagregando o social:** uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador/Bauru: EDUFBA/EDUSC, 2012.

MEDEIROS, F. N. S.; RAMALHO, M.; CALDAS, C.; MASSARANI, L. Ciência e Tecnologia em um programa de infotainment: uma análise de conteúdo da cobertura do Fantástico. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.** [online]. 2013, vol.36, n.1, pp. 127-147. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442013000100007&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1809-5844. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-58442013000100007>. Acesso em: 23 jan 2014.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. **O método**. 3 ed. Mem Martins (Portugal): Europa-América, 1997. 3 v.

SHAPIN, Steven. *The Man of Science*. In: PORTER, R.; PARK, K.; DASTON, L. (ed.). **The Cambridge History of Science:** Early Modern Science. v. 3. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2006.

SHELDRAKE, Rupert. **The Science Delusion**. London, Coronet, 2011

SHELLEY, Mary Wollstonecraft. **Frankenstein**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1998.

WHALEY, Leigh Ann. **Women's History as Scientists: A Guide to the Debates**. California: ABC-Clio, 2003.

Artigos

ANDRADE, Lacy Varella Barca de. Artigo I. **Ciência Vale a Pena: Uma Parceria entre Publicitários e Cientistas pela Popularização da Ciência**. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 28, 2005, Rio de Janeiro (RJ). São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0626-1.pdf>. Acesso em: 18 jan 2014.

BERTOL, Sônia Regina Schena. Artigo II. **Comunicação da saúde: divergências e convergências entre a comunicação primária e a comunicação secundária na divulgação do câncer de mama**. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 30, 2007, Santos (SP). São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0221-1.pdf>>. Acesso em: 18 jan 2014.

CAVALCANTI, Fabiane Gonçalves. Artigo III. **Jornalistas e cientistas: os entraves do diálogo**. XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 18, 1995, Aracaju (SE). São Paulo: Intercom, 1995. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/e19750e7c-63f671a302e46e90832d7dd.pdf>>. Acesso em: 16 jan 2014.

CARVALHO, J. M.; NERING, É. M.; PASSOS, M. Y. R. S.. Artigo IV. **Jornalistas e cientistas: um estudo de caso acerca dos sujeitos na divulgação**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 32, 2009, Curitiba (PR). São Paulo: Intercom, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2490-3.pdf>>. Acesso em: 16 jan 2014.

CRUZ, Joliane Olschowsky da. Artigo V. **Divulgação Científica e ficção no Cinema, câmbios e permanências na Representação das Mulheres Cientistas**. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 30, 2007, Santos (SP). São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2223-1.pdf>>. Acesso em: 17 jan 2014.

REIMÃO, S.; DAL PIAN, L. F. Artigo VI. **Do jornal para o livro: ensaios**

curtos de cientistas. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 35, 2012, Fortaleza (CE). São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: < www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1817-1.pdf>. Acesso em: 18 jan 2014.

ROCHA, Samantha Viana Castelo Branco. Artigo VII. **Perfil dos Cientistas Brasileiros de Comunicação**. XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 20, 1997, Santos (SP). São Paulo: Intercom, 1997. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/f5408e-f6a15b3e32e521a693a60009f5.pdf>>. Acesso em: 18 jan 2014.

TARGINO, M. G.; CORREIA, R. T. P.; CARVALHO, C. P. Artigo VIII. **Quando o amor à ciência ainda basta...** XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM, 25, 2002, Salvador (BA). São Paulo: Intercom, 2002. Disponível em: < <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/e0a15fe5456f858f6a41ceb82afb0162.pdf>>. Acesso em: 18 jan 2014.

Filmografia e Videografia

FANTÁSTICO. **Ativistas em defesa dos animais invadem laboratório em São Roque** (apresentação de Renata Vasconcellos e Tadeu Schmidt). Exibido em 20 out 2013. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/ativistas-em-defesa-dos-animais-invadem-laboratorio-em-sao-roque/2901182>>. Acesso em: 23 jan 2014.

O JARDINEIRO FIEL. (Fernando Meirelles). Estados Unidos: Universal Pictures do Brasil, 2005. 2h9min